



COMO SERÁ O
AMANHÃ?

13º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURAL



MODELO LARANJA – PROJETO DE PESQUISA

Demarcando Ciência: Reunindo em um cesto Pedagogias da Terra, Escolas Vivas e a Retomada do Futuro

Rayane Barbosa¹
Susana O. Dias²

A reflexão sobre os rumos do amanhã e a continuidade da vida em nosso planeta exige um questionamento estrutural das bases coloniais e das escolhas civilizatórias que nos empurraram para o atual cenário de emergência ecológica e exaustão ética. Para construir saídas viáveis diante das crises que ameaçam a multiplicidade de existências e desafiam os limites da nossa sobrevivência, este projeto de pesquisa argumenta que o futuro não reside em falsas promessas de modernidade, mas na retomada da ética e das tecnologias ancestrais. O trabalho nasce de uma recusa frontal ao pessimismo imobilizante e à lógica predatória. A justificativa que move esta tecelagem investigativa encontra sua raiz no profundo silêncio histórico e epistemológico imposto pelas instituições escolares tradicionais ao longo das décadas, através do violento contato com o mundo dos fók, termo que utilizamos em nossa língua originária para nos referir aos não-indígenas. A minha inserção na pós-graduação surge, portanto, da ânsia política de implodir os olhares generalizados que confinaram o ser indígena a um passado estático, negando a nossa profunda capacidade de responder aos dilemas da atualidade. Diante disso, o objetivo central desta pesquisa é tecer, de maneira poética, coletiva e sensível, os saberes ancestrais ao cotidiano formal da educação indígena na Terra Indígena Vanuîre, localizada no centro-oeste paulista. Busca-se estruturar uma educação territorializada, onde a instituição escolar não emudeça a pedagogia que brota do chão, mas se alimente vitalmente dela, atuando para reconhecer a aldeia como uma verdadeira escola viva e promovendo a divulgação científica dos conhecimentos sagrados que ali se manifestam. A fundamentação teórica desta travessia acadêmica entrelaça a memória viva das avós da minha comunidade com vozes essenciais do pensamento decolonial contemporâneo. Apoio-me nas reflexões tecidas no livro *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, de Ailton Krenak (2019), que nos alerta que a sobrevivência coletiva depende

¹ Mestranda em Divulgação Científica na Universidade Estadual de Campinas
- kaingangrayane@gmail.com

² Pesquisadora (PqA) do Laboratório em Jornalismo (Labjor) da Unicamp e professora do Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural (IEL- Labjor-Unicamp) - susana@unicamp.br



COMO SERÁ O
AMANHÃ?

13º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURAL



da capacidade de ouvirmos as vozes dos povos originários e de desconstruirmos o projeto excludente de humanidade que nos afasta e nos aliena do meio ambiente. O projeto estabelece profunda ressonância com os escritos da educadora Cristine Takuá (2022) sobre as escolas vivas, um conceito potente que carrega o impulso de tornar realidade o sonho de valorizar as práticas comunitárias indígenas, a força motriz da oralidade e os saberes que nascem e se aprendem unicamente através do coletivo. Somam-se a essa base teórica indispensável as lições cósmicas de Davi Kopenawa na obra *A Queda do Céu* (2015) sobre o espírito pulsante da terra, e as provocações teóricas de Donna Haraway (2023), que nos encoraja a habitar e a permanecer na complexidade orgânica do nosso tempo. O percurso metodológico deste trabalho recusa radicalmente a frieza extrativista de uma coleta de dados convencional. Como resultado parcial, prático e orgânico desse movimento de imersão decolonial, destaco a minha rica vivência no final do mês de abril, quando a E. E. I. Índia Vanuíre promoveu o seu primeiro grande evento cultural escolar. Este encontro histórico buscou não apenas celebrar, mas valorizar e reafirmar as culturas Kaingang e Krenak por meio de rodas de conversa e de oficinas práticas que fortaleceram diretamente a identidade e a vivência social do nosso povo. Subvertendo as lógicas coloniais e adultocêntricas que habitualmente subestimam as infâncias, o evento contou com a participação incisiva das crianças da própria escola assumindo os papéis de organizadoras centrais, ladeadas por professores, pesquisadores indígenas e pelos anciões da aldeia. Durante a roda de conversa central, os anciões compartilharam valiosas histórias do passado, narrativas cosmológicas e filosóficas que funcionam como o principal alimento e fortalecimento identitário para as próximas gerações. O objetivo da minha participação ativa nesta jornada cultural foi justamente atuar na divulgação das potencialidades reais da ciência que pulsa cotidianamente naquele território. A intenção principal foi demarcar, de forma clara e inquestionável, que a população indígena ali presente é agente plenamente capaz de formular pesquisa, metodologia e ciência contemporânea, recusando o lugar de mero objeto de estudo passivo à mercê das conveniências do mundo acadêmico. A discussão provocada por esta pesquisa conclui que trazer a potência de se aprender e divulgar essa ciência pluriversal é fortalecer uma tecitura inquebrável de resistência política e cultural.

Palavras-chave: Divulgação científica; Pedagogia Kaingang; Escolas vivas; Saberes ancestrais; Futuros plurais.

REFERÊNCIAS

HARAWAY, Donna. *Ficar com o Problema*. São Paulo: N-1 Edições, 2023.
KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A Queda do Céu: palavras de um Xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.



COMO SERÁ O
AMANHÃ?

13º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURAL



KRENAK, Ailton. Ideias para Adiar o Fim do Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TAKUÁ, Cristine. Educação indígena: escola viva. Revista Educação, 2022.